

VERN S. POYTHRESS

TEOLOGIA
SINFÔNICA

A VALIDADE DAS
MÚTIPLAS
PERSPECTIVAS
EM TEOLOGIA



VIDA NOVA

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
1. As perspectivas na vida cotidiana	9
2. As perspectivas na Bíblia.....	15
3. As perspectivas em teologia	23
4. Exemplos de perspectivas bíblicas úteis.....	33
5. Em defesa da teologia sinfônica	51
6. As palavras e a exatidão.....	67
7. Doze máximas da teologia sinfônica	85
8. Métodos próprios da teologia sinfônica	115
9. Um caso de teste: milagres	125
10. Cura pastoral na controvérsia dos milagres	139
<i>Epílogo: Outras obras sobre perspectivas</i>	151
<i>Bibliografia</i>	155

Agradecimentos

Muitas de minhas ideias sobre perspectivas em teologia se desenvolveram sob a influência do pensamento perspectivista¹ de Cornelius Van Til, John M. Frame e Kenneth L. Pike. Procurei registrar nas notas de rodapé os casos em que me fundamentei diretamente neles, mas acabei perdendo de vista diversas formas mais sutis em que esses três estudiosos influenciaram profundamente meu modo de pensar. A dívida deste livro com tais homens é muito maior do que se poderia indicar com facilidade. A bibliografia apresenta uma lista dos textos de Van Til, Frame e Pike que estão mais intimamente relacionados com os interesses desta obra.

Dedico este livro à minha esposa, Diane, fonte constante de encorajamento durante o processo de escrita.

¹O adjetivo *perspectivista* e o substantivo *perspectivismo*, como ficará evidente ao longo da obra, denotam um modo de analisar o texto bíblico ou tema da teologia de acordo com várias perspectivas ou planos diferentes. (N. do E.)

1

As perspectivas na vida cotidiana

As pessoas não são todas iguais. Nem sempre a impressão delas é a mesma ao observarem o mesmo objeto. Essa constatação básica tem algumas implicações profundas para o nosso modo de produzir teologia.

Ilustrações de perspectivas

Vamos começar por algumas ilustrações simples. Na figura 1, alguém pode achar que o vértice 1 do desenho do cubo está em primeiro plano e o vértice 2, em segundo. Outra pessoa vê o vértice 2 em primeiro plano e o vértice 1 em segundo. Depois de observar a figura durante vários segundos, a maior parte das pessoas conclui que os planos se alternam. Contudo, alguém que tenha dificuldade em geometria plana talvez veja a figura simplesmente como uma porção de linhas interligadas em um plano, sem identificar cubo algum.

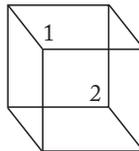


Figura 1

A figura 2 mostra outra imagem que pode ser vista de duas maneiras. Se o observador considerar que a cor preta é

o pano de fundo, a imagem será a de um chafariz branco. Se tomar a cor branca como pano de fundo, a imagem será a silhueta de dois rostos humanos de frente um para o outro. O segundo exemplo é esclarecedor porque muitos, à primeira vista, enxergam o diagrama de um único modo apenas. É preciso que se diga a eles que há outra maneira de vê-lo. Podemos dizer que duas pessoas poderão ter diferentes perspectivas mesmo se observarem uma única imagem.

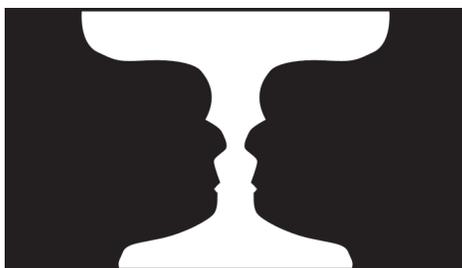


Figura 2

Algo semelhante a esses exemplos artificiais pode acontecer em situações rotineiras. Imagine-se que duas pessoas estejam ouvindo o mesmo locutor. Uma delas diz: “O argumento dele é muito bom”; a outra, porém, declara: “Ele está inseguro. Está ferido por dentro”. Ou suponha-se que um casal esteja comprando cortinas. A esposa diz: “Essas aqui são lindas”, ao passo que o marido responde: “Mas não são de boa qualidade; não impedem a passagem da luz”.

Duas pessoas podem estar interessadas em coisas diferentes e, por isso, notam aspectos diferentes do mesmo objeto. No último exemplo, o marido está em busca de uma utilidade prática, enquanto a esposa procura beleza. Ao ouvir alguém falando, um ouvinte estuda a lógica do argumento, ao passo que outro presta atenção ao tom e ao método que a pessoa revela ao argumentar. Ambos têm perspectivas diferentes sobre o mesmo objeto.

As diferenças naquilo que as pessoas enxergam — diferenças de perspectivas — podem, evidentemente, ser úteis. Ao observar as cortinas, o marido e a esposa poderão chegar à conclusão de que ambos negligenciaram alguma coisa e de que é preciso levar em conta vários fatores na hora de efetuar a compra. Todavia, as diferenças também podem ser intensificadas. O marido ou a esposa talvez saiam da loja brigando ou irados com a evidente falta de bom senso do cônjuge.

Certamente, a existência de perspectivas diferentes é importante para o relacionamento pessoal. Para conviver bem com as pessoas, é preciso reconhecer que há assuntos em que não há consenso, assim como há outros em que as opiniões são as mesmas. Para entender indivíduos diferentes de nós, devemos estar preparados para adotar sua perspectiva ou colocar-nos no lugar deles, ao menos temporariamente.

No aconselhamento pastoral, os ministros não raro descobrem que parte de seu trabalho consiste em ajudar as pessoas a lidar com disputas que surgem das diferenças de perspectiva. Na verdade, os conselheiros desenvolverão melhor seu trabalho se estiverem preparados para utilizar mais de uma perspectiva. Com frequência, precisam prestar atenção, ao mesmo tempo, no que as pessoas estão dizendo (seus argumentos, sua lógica) e no que estão revelando sobre si mesmas (suas atitudes, emoções etc.).

O uso das perspectivas nas ciências naturais

Será que as diferenças de perspectiva ocorrem também nas disciplinas acadêmicas? Elas teriam um papel a desempenhar na química, na geologia, na economia, na psicologia e assim por diante? No pensamento de muitos, a “objetividade” e o rigor intelectual de uma disciplina acadêmica exclui automaticamente o uso das perspectivas. As ciências naturais, de modo

especial, parecem não dar espaço para a contribuição pessoal do indivíduo. Estamos aqui em busca da verdade como ela é de fato, e não da verdade conforme entendida por um indivíduo com uma perspectiva particular limitada. As pessoas também defendem muitas vezes o ideal de uma ciência em que não haja mais o elemento pessoal.

Contudo, elas continuam a ser humanas mesmo quando se dedicam a uma disciplina acadêmica. Sem dúvida alguma, é impossível que alguém entenda a verdade objetiva sem recorrer a perspectivas de um tipo ou de outro. As pesquisas em história da ciência e em filosofia da ciência têm demonstrado que perspectivas são adotadas até no âmbito das ciências naturais, suposto domínio do conhecimento puramente “objetivo”.¹ Toda área do conhecimento emprega modelos teóricos fundamentais, e cada modelo é um tipo de perspectiva sobre um tema da ciência. Modelos e analogias têm papel essencial na descoberta científica, além de contribuir para o crescimento, o aperfeiçoamento e a articulação intelectual das teorias existentes. A ciência parece ser objetiva e lidar com o conhecimento universal, em parte porque os que a adotam em determinado campo concordam, em geral, que um modelo teórico ou uma teoria — uma “perspectiva” — demonstrou ser claramente superior e serve de ponto de partida para todo o desenvolvimento posterior.

A maneira na qual os modelos são usados nas ciências naturais revela que há implicações para o modo de produzirmos teologia. Analiso essas implicações com mais profundidade em meu

¹Veja Thomas S. Kuhn, *The structure of scientific revolutions*, 2. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 1970) [edição em português: *A estrutura das revoluções científicas*, tradução de Beatriz Vianna Boeira; Nelson Boeira (São Paulo: Perspectiva, 1987)]. Sobre o uso de modelos na ciência, veja Max Black, *Models and metaphors* (Ithaca: Cornell University Press, 1962); Mary Hesse, *Models and analogies in science* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1966).

livro *Science and hermeneutics* [Ciência e hermenêutica] (Grand Rapids: Zondervan, 1988). Por enquanto, observaremos apenas que as ciências naturais recorrem às perspectivas.

O uso das perspectivas no estudo dos seres humanos

Nas ciências sociais, na arte e na literatura, bem como e em todas as disciplinas acadêmicas relacionadas ao ser humano, o papel das perspectivas é ainda mais evidente. Em primeiro lugar, os objetos de estudo são os usuários das perspectivas, e um relato sobre seres humanos deve incluir, certamente, um relato sobre sua capacidade de usar diferentes perspectivas.

Em segundo lugar, os próprios cientistas sociais, bem como os objetos de seus estudos, usam perspectivas. Por essa razão, esperamos ver os cientistas sociais usando alguma perspectiva ou modelo fundamental. A psicologia, por exemplo, há algum tempo está dividida em várias “escolas”, cada uma dominada por uma perspectiva diferente. Os psicólogos freudianos procuram explicar o ser humano de acordo com os impulsos biológicos, especialmente o impulso sexual. Os behavioristas tentam elaborar explicações usando como analogia dominante suas experiências de estímulo e resposta em animais. As abordagens humanistas da teoria da personalidade procuram formular explicações com base na capacidade do ser humano de resolver problemas e se autor-realizar. Cada uma tem sua perspectiva dominante, um ponto de partida principal para a compreensão do ser humano.

O uso de perspectivas é, claramente, repleto de perigos. Como no caso do marido e da esposa observando cortinas, as pessoas com uma única perspectiva dominante talvez enxerguem apenas o que essa perspectiva as treinou para ver. Por esse motivo, as escolas de psicologia tendem ao reducionismo. A freudiana é tentada a reduzir os seres humanos a animais controlados por

impulsos. A behaviorista pode reduzir o homem a uma massa complexa de padrões de estímulo e resposta.²

Os perigos também existem porque algumas perspectivas trazem consigo pressupostos anticristãos que passam a condicionar toda a investigação posterior. Por exemplo, os behavioristas ou teóricos da personalidade podem ter como base a suposição de que a religião é simplesmente um meio humano de lidar com o cosmo e de que Deus pode ser efetivamente eliminado do estudo. É improvável que os resultados dessa investigação confirmem a presença de Deus!

Embora haja perigos, há também alguns benefícios. Os behavioristas, por exemplo, mesmo que trabalhem com pressupostos equivocados, talvez possam descobrir princípios verdadeiros sobre o comportamento humano. Na realidade, exatamente por se concentrarem de forma reducionista em apenas alguns aspectos da experiência humana, é possível que percebam coisas que outros interessados em uma visão mais abrangente normalmente não percebem. Possivelmente, os behavioristas descreverão alguns padrões interessantes de estímulo e resposta, embora esses padrões dificilmente expliquem a história toda.

²Sobre o reducionismo, veja especialmente Herman Dooyeweerd, *A new critique of theoretical thought* (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1969), 2 vols.; Vern S. Poythress, *Philosophy, science and the sovereignty of God* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1976).

A verdade de Deus é *rica* e tem muitas *facetas*

A Bíblia apresenta a revelação em um conjunto coeso e coerente, mas ela chegou até nós por uma variedade de autores inspirados, com diferentes metáforas e temas que ressaltam as diversas facetas da verdade de Deus.

Do mesmo modo, nossas formulações teológicas captam várias ênfases — diferentes “perspectivas” do todo — que nos capacitam, de forma coletiva, a alcançar um entendimento pleno da verdade.

Ao defender a validade de múltiplas perspectivas, Vern Poythress apresenta a seguinte explicação: “Usamos o que descobrimos em uma perspectiva para reforçar, corrigir ou melhorar o que entendemos por meio de outra. Chamo esse procedimento *teologia sinfônica*, porque é análogo à combinação de vários instrumentos musicais para expressar as variações de um tema sinfônico”. Essa abordagem têm profundas implicações para a teologia e a práxis.

Vern S. Poythress (M. Litt., University of Cambridge; Ph.D., Harvard University; D.Th., University of Stellenbosch) é professor de Interpretação do Novo Testamento no Westminster Theological Seminary, na Philadelphia. Entre suas obras publicadas, estão *God-centered biblical interpretation* e *The returning king: a guide to the book of Revelation*.